Festas de Santo e Encantados

1931
comp

Napoleão Figueiredo
Anaíza Vergolino e Silva

ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS

I CONCURSO DE FOLCLORE AMAZÔNICO

PRÊMIO "GIORGIO FALANGOLA"

FESTAS DE SANTO E ENCANTADOS

NAPOLEÃO FIGUEIREDO

ANAÍZA VERGOLINO E SILVA

BELÉM

1972

PREFÁCIO

Os concursos literários no Pará existem há bastante tempo. Não só os patrocinados pelo Governo do Estado como os anuais, de Literatura, da Academia Paraense de Letras. Estava faltando, todavia, o Concurso de Folclore Amazônico. Tendo assumido a presidência da Academia, julguei chegado o momento de atender ao velho desejo. Encontrei inteira receptividade por parte dos eminentes companheiros da diretoria e, assim, saí a procura de justa recompensa ao vencedor. Surgiu então o prêmio "Giorgio Falangola", nome de operoso industrial de artes gráficas, que se prontificou a mandar imprimir 1000 exemplares da obra vencedora, sem ônus algum. Organizada a Regulamentação do concurso e feita sua divulgação, a colheita foi magnífica. Sabia-se da existência em Belém de folcloristas talentosos. Alguns, já incorporados à Academia, não poderiam competir, outros, libertos do relacionamento acadêmico, talvez concorressem. O que se não sabia era qual seria a projeção do concurso dentro da comunidade. E essa foi a primeira e agradável revelação. Quatro magníficos trabalhos ofecereram-se ao julgamento da Academia, que se esforçou, na paciente escolha, para não ferir a justiça.

O vencedor — "Festas de Santo e Encantados" — revelou uma dupla folclorista de altíssimo valor: Arthur Napoleão Figueiredo e Anaiza Vergolino e Silva, ambos professores universitários e bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.

O livro cobre a definição de A. R. Wright, no "English Folklore", isto é, "ciência que estuda a ex-

pressão, nas crenças populares, instituições, práticas, literatura oral, e artes e passatempos da vida mental e espiritual do folk, do povo em geral". Além disso, abrange a área dos mitos, dos quais partiram, como se sabe, as primeiras teorias e os mais antigos ensaios metodológicos.

A pesquisa, procedida em área de pura autenticidade amazônica, responde ao enunciado do Concurso. A colheita e sua apresentação são dignas dos melhores tratadistas pela forma, seqüência e encerramento. A apresentação da região em mapa é exemplo concludente.

Em conseqüência, a Academia acha-se inteiramente recompensada. Os autores, mestres em Antropologia, sabem, também que o "mito é patriarcal", como afirmou Rank. E por isso apresentam alguns da imensa mitografia amazônica. Localizando mitos, estão fornecendo material para a constituição dos "amplos debates", a que se refere Arthur Ramos na obra póstuma "Estudos de Folklore". Não se apresentam como "reveladores" mas como "fixadores" da existência dos mitos no grande anfiteatro amazônico. Não se encontram no conto, embora os limites do mito e do conto às vezes se confundam, mas revelam informações positivamente importantes. Quem sabe, outros trabalhos posteriores produzirão a eterna beleza do conto nos meandros do folclore! De qualquer forma, louvamos o esforço da dupla vencedora, notadamente porque escolheu um "local" certo e definido para pesquisas e informações, o que é sem dúvida prova de que conhecem a metodologia folclórica.

Com esta publicação esperamos seja reencetada a marcha no sentido de encontrarem os estudiosos a legítima responsabilidade no que concerne ao dever de não repousarem nos louros conquistados por Raimundo Morais, Coutinho de Oliveira, Mário Paiva, Mário Ypiranga, Bruno de Menezes, Eduardo Galvão, Armando Bordalo da Silva, e tantos outros.

Embora Edson Carneiro afirme que, "como todos sabem, o folclore não morre", não devemos, por isso, cruzar os braços. Nem na Amazônia necessitamos criar novos campos de interesse dignos portanto de pesquisas, quando temos o Mundo Verde a nos solicitar a presença.

Belém, 11 de maio de 1972.

CÂNDIDO MARINHO DA ROCHA
Presidente da Academia Paraense de Letras

Introdução

Os mais recentes estudos sobre a Cultura Brasileira não mais a visualizam como um mosáico, onde a soma de estudos fragmentados e detalhados das partes que a compõem, possa oferecer como resultante um conhecimento global da mesma. Isto porque uma análise dessa realidade, assim feita, estaria, no final, totalmente desatualizada no tempo e deformada no espaço geográfico.

A tentativa mais atual para a compreensão do problema é a oferecida por Diégues Jr. (1960), que parte do pressuposto de considerar a região cultural como ponto de partida para uma série de indagações, onde a soma ou a justaposição de elementos culturais não constituiu um fim em si mesmo como objeto de análise, e, somente a resultante da completa integração dos mesmos, é que permitirá a compreensão da unidade total.

Esse conceito permite distinguir espaços geográficos definidos, onde os traços culturais partilhados por grupos populacionais, caracterizam os mesmos.

Nessa ordem de idéias, a região Amazônica apresenta-se como um todo uniforme, onde o domínio da floresta e da água condicionou não apenas o processo histórico da ocupação da terra, mas a própria vida econômica e social da área.

Não existem trabalhos monográficos nos quais a Amazônia seja estudada em profundidade como um todo. A vastíssima bibliografia existente sobre a região focaliza sempre aspectos parciais da mesma, enfatizando situações específicas para os diversos componentes dos níveis de integração sócio-cultural sugeridos por Ribeiro (1968:20-30); porém, não oferece elementos para que seja traçado o perfil das configurações culturais existentes, dentro de uma perspectiva teórica, como a oferecida por Benedict e seus seguidores (Keesing, 1961:253).

O presente ensaio não busca encontrar visualizações dessa natureza; é antes, uma contribuição ao estudo de um desses aspectos culturais : tradições populares existentes em uma área definida.

* * *

As informações sobre as tradições populares na Amazônia são encontradas desde os trabalhos dos primeiros cronistas missionários até as publicações científicas de nossos dias.

Apesar da numerosa bibliografia que assinala esses estudos, três dessas contribuições são marcantes : a de Wagley (1953) sobre a comunidade de Itá; as de Galvão (1953,1955) sobre a vida religiosa do caboclo amazônico e a de Silva (1959) sobre a região Bragantina. Todos são a resultante de trabalho de campo ordenado e sistematizado e de um conhecimento íntimo das comunidades onde essas tradições foram encontradas.

A distribuição espacial na Amazônia não obedece ao mesmo rítmo encontrado em outras regiões brasileiras. Com exceção das grandes cidades, essa população se encontra localizada às margens do Amazonas ou de seus afluentes, como também ao longo das rodovias que começam a cortar a região. A imensidão do "hinterland" é praticamente desabitada e fracamente povoada por grupos indígenas.

Os roçados e a economia extrativista dos produtos que a floresta proporciona, ao lado do extrativismo mineral e animal, constituem as ocupações básicas dessa população rarefeita, exceto as manchas de campo existentes nas regiões do Rio Branco, Amapá, Marajó e Sul do Estado do Pará onde domina a pecuária.

A caracterização das comunidades na Amazônia, oferece perspectivas teóricas interessantes para sua análise. O trabalho mais atual é o de Wagley (1967:50-51) que, partindo do princípio da determinação de zonas ecológicas formadas por condições específicas de sua localização e de sua economia básica, as subdivide em "micro-áreas" características.

Essas comunidades não são unidades isoladas que formam ilhas culturais, pois, as mesmas participam sempre da vida regional e mesmo nacional em seus aspectos econômicos, sociais e políticos. Essas unidades são, fundamentalmente, a resultante do processo histórico da ocupação humana da região.

Em 1968 os autores ([1]) apresentaram projeto de pesquisa ([2]) a ser desenvolvido em duas etapas : 1º nesse ano de 1968 (IBBD, 1969:320-1), visando o processo de marginalização de um grupo in-

---

(1) — Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.

(2) — Projeto de Pesquisa da Disciplina Etnologia e Etnografia do Brasil da Universidade Federal do Pará.

dígena — os Anambé —, virtualmente integrados e localizados na região do alto rio Cairari, Moju (Pará), em zona de penetração extrativista, cuja economia repousa na extração de madeira, leite de maçaranduba, óleo de copaíba e outros produtos naturais; o relacionamento da atividade extrativista com o sistema tribal, virtualmente em fase de desagregação completa, bem como a integração desse grupamento indígena à sociedade nacional; um "survey" exploratório da população cabocla local; 2.ª) em 1969 (IBBD, 1970:622) para complementação dos dados anteriormente colhidos.

O trabalho de campo realizou-se nos períodos de agosto a novembro de 1968 e agosto a novembro de 1969.

O material etnográfico coletado nessas duas excursões de campo, está tombado sob os ns. 12.091 a 12.130 da Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (Col. Figueiredo & Vergolino e Silva, 1968) e sob os ns. 932 a 1.160 do Departamento de História e Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Pará (Col. Figueiredo & Vergolino e Silva, 1969).

Os autores agradecem aos Drs. Dalcy Albuquerque, então Diretor e Eduardo Galvão, Chefe da Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, a cooperação dispensada à etapa inicial do Projeto e seu financiameno pelo Conselho Nacional de Pesquisas; ao Prof. Alfredo Boneff, então Diretor da extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará e ao Magnífico Reitor da mesma Universidade, Prof. Dr. Aloysio da Costa Chaves, o apoio e estímulos recebidos na fase final do Projeto e seu financiamento por parte da Universidade Federal do Pará; e, finalmente, ao Snr. Elias Santos, proprietário na região, pelas facilidades prestadas aos autores em suas duas estadas de campo no alto rio Cairari.

A capa é de José Carlos Cardoso, o mapa de Guilherme Leite e as fotos dos autores.

A Região

A região do Alto Cairari, afluente do rio Moju, está localizada no Município do mesmo nome, no Estado do Pará, entre os meridianos 48° e 50° W e paralelos 2° e 4° S, em faixa Amazônica. O relevo é de platô terciário (Guerra, 1959 : fig. 2), com clima quente e úmido e estação seca pronunciada (Galvão, 1959:85). A vegetação é do tipo de "floresta tropical latifoliada" com predominância de terras firmes (Kuhlmann, 1959 : fig. 57) e a economia predominante é o extrativismo florestal (Dias & Guerra, 1959:256).

O rio Moju é navegável até as primeiras cachoeiras e o último local habitado é o sítio Mamorama nas proximidades do igarapé do mesmo nome. O Cairari, seu afluente maior do lado esquerdo, é navegável até o lago Pequeno, e subindo o mesmo, depois desse acidente, somente embarcações pequenas e de pouco calado conseguem penetrá-lo na estação chuvosa, pois, durante a estação seca, o curso do rio fica totalmente obstruído pelo grande número de árvores tombadas ou submersas. O último local habitado é o sitio Ladeirinha.

As notícias mais antigas sobre a penetração da região, são encontradas na obra de Muniz (1916:539-547) que se refere à atual cidade do Moju como localizada em terrenos doados por Antonio Dornelas de Souza à Irmandade do Espírito Santo, em julho de 1754, por ocasião da visita do Bispo D. Fr. Miguel de Bulhões, criando uma freguesia que depois de algum tempo decaiu para povoado. Um documento de cinco de agosto de 1760 (Correspondencia dos Governadores com a Metrópole, IN A. Bib.Arq.Pub.Pa., vol.8:156) sobre a reclusão dos Regulares da Companhia denominada de Jesus, informa que "as fazendas que os mesmos regulares possuirão no rio Moju que são as Borajuba, Jaguarary, Gibié, um cacoal no igarapé chamado de Maria Nunes...". O Inventário da Companhia de Jesus (Leite : 1943:302) descrimina as propriedades da Fazenda nesse rio, com suas oficinas e anexos.

Muniz (1916:539) ainda indica que "decaiu o nucleo do povoado, após a primeira ereção da freguesia, ao ponto de ser completamente

abandonada dos poderes públicos, desaparecendo inteiramente a categoria eclesiástica que lhe fôra concedida, entrando esquecido para o período da Independência".

Em 1839 foi novamente elevada à categoria de freguesia e em 1856 foi criado o Município do Moju, sendo então a freguesia do Espírito Santo elevada à categoria de Vila. O Município ficou constituído pela sede e pelas freguesias de S. José, no rio Acará, e a de Nossa Senhora da Soledade do Cairari.

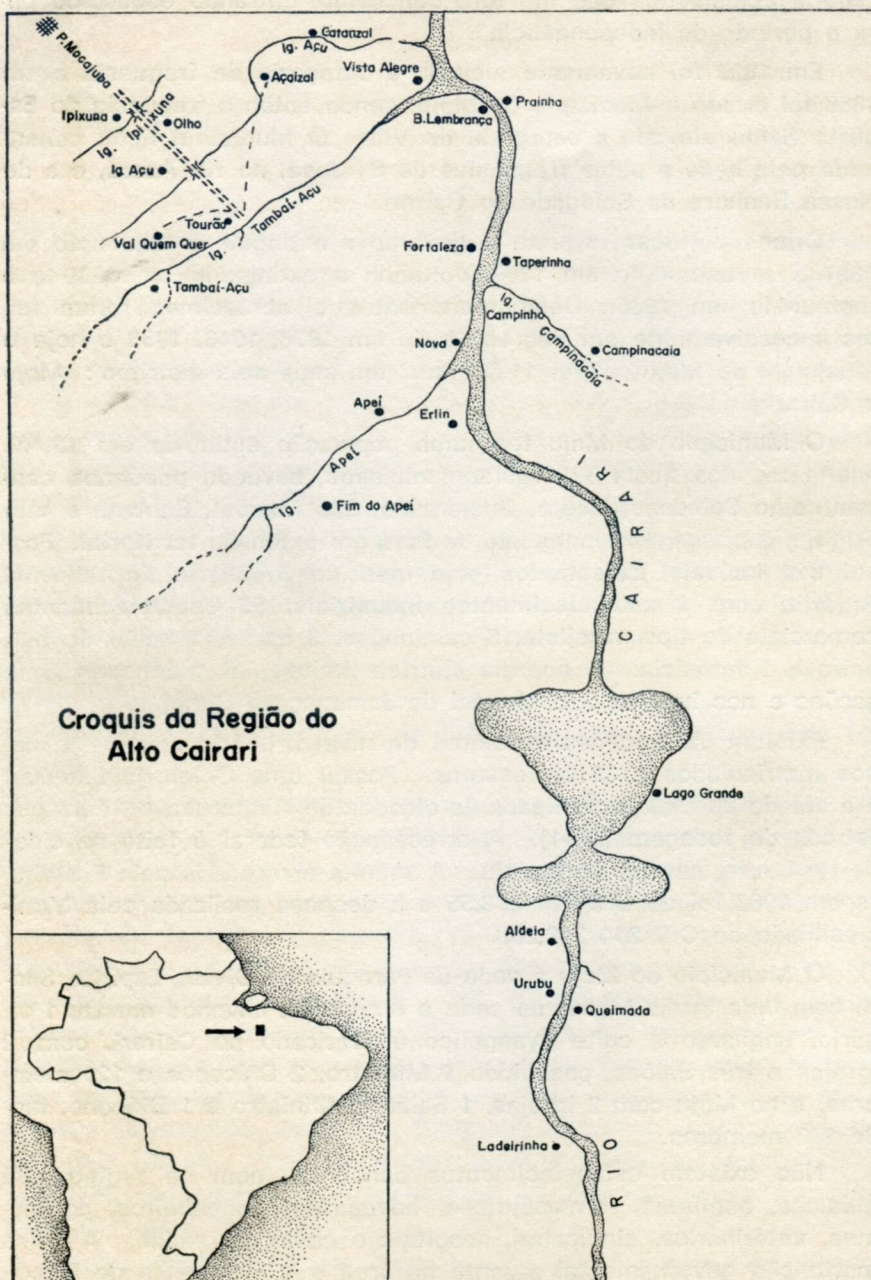
Crises políticas levaram o governo a extinguir o Município em 1887 e a restaurá-lo em 1889, voltando a extinguí-lo em 1930 e a restaurá-lo em 1935. Desmembramentos e acréscimos foram feitos sucessivamente em seu território em 1938, 1943, 1956 e hoje o Município do Moju possui 11.602 km2 em seus dois distritos : Moju e Cairari.

O Município do Moju tem uma população estimada em 18.407 habitantes dos quais 580 residem na sede, havendo pequenos centros como Soledade, Caeté, Guajaraúna, São Manoel, Santana e Vila Erlim, e é o vigésimo município do Pará em extensão territorial. Possui 814 imóveis cadastrados pelo Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, com 4 estabelecimentos industriais, 55 estabelecimentos comerciais do tipo varejista, 6 caminhões, 3 bares, 1 salão de barbeiro e 1 farmácia. A energia elétrica limita-se à sede com 65 ligações e nos lugares São Manoel de Jambuaçu e Caeté.

Existem 52 unidades escolares de nível primário com 1494 alunos matriculados e 62 professoras. Possui uma Coletoria Estadual e a cidade do Moju está ligada às cidades de Abatetuba e Acará por estrada de rodagem (PA-1). A arrecadação federal é feita na cidade de Soure, na ilha de Marajó. A receita arrecadada pela Prefeitura em 1968 foi de Cr$ 224.298,55 e a despesa realizada pela Municipalidade de Cr$ 214.740,26.

O Município do Moju é sede da Paroquia do Divino Espírito Santo com uma Igreja Matriz na sede e 8 capelas, havendo apenas 1 vigário, enquanto o culto evangélico é praticado no Cairari, com 2 Igrejas e três Salões, possuindo 1 Ministro, 2 Diáconos e 120 membros; e no Moju com 2 Igrejas, 1 Salão, 1 Ministro e 1 Diácono, tendo 260 membros.

Não existem estabelecimentos bancários, nem há registro de médicos, dentistas, farmacêuticos, advogados, engenheiros, agrônomos, veterinários, sindicatos, hospitais e casas de saúde. A única instituição governamental atuante na área e a Campanha de Erradicação da Malária.

Croquis da Região do Alto Cairari

A cidade do Moju liga-se às sedes Municipais limítrofes e a Capital do Estado, pelos seguintes meios de transporte: Abaetetuba, fluvial — 149 km e rodovia estadual; Acará, fluvial — 120 km e rodovia estadual; Barcarena, fluvial — 110 km; Igarapé-Miri, fluvial — 30 km; Mocajuba, fluvial — 80 km; e a Capital do Estado, fluvial — 80 km. Como via de comunicação existe uma Agência de Correios sem estação telegráfica. O número de rádios alimentados a pilha é grande e existem igualmente na cidade do Moju, alguns aparelhos de TV.

A Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística não possui Agência nem agentes lotados na citada cidade do Moju.

A região do Alto Cairari está localizada das cabeceiras desse rio (lugar Padre Antônio) à foz do rio Tambaí-Açu. Na região residem 635 habitantes, assim distribuídos: das cabeceiras até a Aldeia dos Índios Anambé — 147; da Aldeia a Vila Erlim — 57; na vila Erlim — 44; no rio Apeí — 134; na foz do rio Apeí à foz do rio Tambaí-Açu — 271.

Do levantamento feito pela Campanha de Erradicação da Malária, constatamos que essa região está incluída no subdistrito 116 e na mesma estão registradas 186 construções (casas de moradia e de forno), assim distribuídas: Ladeirinha — 2; Queimada — 28; Urubu — 12; Aldeia — 10; Lago Grande — 21; Flor do Apeí — 22; Apeí — 7; Vila Erlim — 15; Novo — 10; Campinho — 10; Taperinha — 9; Fortaleza — 16; Prainha — 20; Boa Lembrança — 4.

Em 1968, a região produziu: madeira em toros (cedro, freijó) — 500 m^3; madeira beneficiada (acapu, sucupira, maçaramduba) de 400 a 500 m^3, no valor total de Cr$ 20.000,00; leite de maçaranduba — 77 toneladas; arroz — 80 toneladas; milho — 10 toneladas; couros (onça pintada e maracajá) — no valor de Cr$ 9.000,00; outros (veado, caititu, queixada) — Cr$ 4.000,00; jabotis — cerca de 1000 peças no valor total de Cr$ 2.000,00; carne de caça salgada — aproximadamente 800 quilos no valor de Cr$ 640,00. Os outros produtos da indústria extrativa vegetal, tais como: breu, cipós, etc. são também coletados, porém essa produção é inexpressiva.

Em Boa Eperança estava localizado um Posto Fiscal Municipal, porém motivos particulares levaram o agente a demitir-se. O controle fiscal é feito em Agência localizada na foz do Cairari, de maneira precária, e esses informes foram obtidos em entrevistas com os três comerciantes que atuam na região e que dominam praticamente a vida econômica local, exceto o movimento realizado pelos regatões.

Todos esses produtos são coletados pelos moradores da região. Uma inovação foi entretanto acrescentada a essa economia extrativista. Durante a estação chuvosa, turmas de coletores de leite e maçaranduba, oriundos de Baião e Mocajuba, deslocam-se para atuarem na área. Nesse ano de 1968 uma população flutuante de cerca de 400 indivíduos penetrou o Alto Cairari para coletar leite de maçaranduba, ocasionando conflitos violentos com as turmas aviadas pelos comerciantes locais que operam na área. Em 1969 essa penetração de perto de 500 homens gerou sério conflito sangrento no qual foi envolvido um desses comerciantes e o próprio comissário de Polícia da Vila Erlim.

O Município do Moju faz parte da zona fisiográfica Guajarina e a região do Alto Cairari é uma micro-área de extração de madeira. A comunidade dessa região é a vila Erlim com várias vizinhanças que são os lugares mencionados anteriormente. Essa pequena vila tem uma Igreja Pentecostal, que além de sua congregação possui mais três localizadas no lugar Enviral e Cajual, ambos no médio Cairari, e uma terceira no Alto Moju. Essa Igreja foi fundada, aproximadamente, há 40 anos e em sua sede não existem registros históricos de sua fundação nem de seu desenvolvimento. É filiada à Igreja Matriz de Belém que não só a orienta através das Convenções Estaduais, como lhe fornece todo o material bibliográfico utilizado pelos fiéis. À Igreja da Vila Erlim estão filiados perto de cem congregados.

A Vila é também sede do Comissariado de Polícia e de uma Escola Municipal com 41 alunos matriculados. É sede ainda de uma seção eleitoral que funciona na Escola.

Nas proximidades do lago Grande há uma aldeia (Yacy-Tatã) habitada pelos índios Anambé, de fala Tupi e já integrados à sociedade nacional. Nessa aldeia residem os remanescentes desse grupo (20 índios) e 2 mestiços.

As Festas

A região do Alto Cairari não possui festividades ligadas à Prelazia do Moju ou a qualquer Irmandade, Confraria ou Congregação Católica. Dada a grande distância entre a sede do Município onde está localizada a Prelazia e esta região, a mesma é visitada duas vezes por ano pelo vigário do Moju, para realizar casamentos e batizados por ocasião das desobrigas anuais. Não existem, por outro lado, capelas ou construções especiais para culto católico.

A população que habita essa região diz-se católica, apesar da influência exercida pela Igreja Pentecostal da Vila Erlim e de suas congregações. Poucas são, entretanto, as casas que possuem imagens ou estampas de Santos. Os moradores da região, especialmente os mais idosos, falam da existência de várias imagens esculpidas em madeira, que foram vendidas para serem transformadas em contas para colar, visto seus compradores acreditarem que as mesmas fossem talhadas em pau-de-angola. Outras foram destruídas por influência de conversões ao protestantismo. Uma outra versão informa que essas imagens eram ocas e em seu interior encontravam-se cordões, anéis e outras jóias em ouro, daí terem sido destruídas por seus possuidores. As poucas imagens existentes são propriedade dos velhos moradores e muitas vezes pertencem a várias pessoas, ligadas por laços de parentesco, que delas não se desfazem a não ser por troca com imagens modernas. Em quase sua totalidade as imagens são talhadas em madeira, com a pintura já bastante estragada pelo tempo e pela precaridade de conservação. Essas imagens não vivem expostas e são guardadas quase escondidas, pois o vigário da cidade do Moju, quando as encontra em sua desobriga, recolhe-as, isso devido às festas (3) que lhe são dedicadas em casa de seus possuidores terminarem sempre com festas dançantes, onde o uso de bebidas alcoólicas provoca, invariavelmente, desordens, muitas delas de desfecho sangrento.

---

(3) — Araujo (1964 : 29) utiliza o termo "festaria" para designar "o conjunto de festas onde ora é parte religiosa, procissão, ora dança, leilão de prendas, bailados, etc.".

Essas festas estão divididas em grupos distintos : as novenas (de data fixa ou não) e ladainhas, e as "visitas".

Quanto às primeiras, são realizadas nos seguintes locais : Cachoeira (dedicada a S. Benedito); Tourão (na estrada que vai para Mocajuba, dedicada a S. José e em vias de desaparecimento) e em Taperinha (dedicada a N. Senhora da Conceição). Esta última não mais se realiza atualmente, pois, incorporou-se à grande festa da Conceição realizada em Mocajuba.

A festa de S. Benedito é realizada em casa particular e tem patronos, juizes, mordomos e noitários escolhidos antecipadamente. Essas pessoas ajudam financeiramente a festividade e cada noitário, responsável por um dia de festa, contribui com comida, bebida e com o que pode dispor. Não havendo dança, não há cobrança de ingressos e, se houver festa dançante, a entrada é cobrada para pagamento dos músicos ou da aparelhagem sonora contratada em Mocajuba ou Baião.

Não há prestação de contas com o dono do Santo, exceto o de uma lista de donativos que começa a circular dois meses antes da realização da festa entre os moradores da região. Na última noite se realiza a festa dançante que tem como noitário o dono do Santo. Antigamente a noite de maior importância era a penúltima, quando se realizavam os leilões e a festa dançante. Hoje, a noite de maior vulto é a última.

As ladainhas rezadas durante a novena são "tiradas" pelo noitário, quase sempre em latim, e os que participam da cerimônia não conhecem o significado das palavras, muitas delas deturpadas pela transmissão oral de várias gerações. Após a recitação da ladainha, é servido aos participantes da cerimônia, comida e bebida. Os leilões da última noite são realizados durante a festa dançante, interrompendo-se a mesma para sua realização.

Um elemento novo foi integrado a essa festividade : uma réplica do Círio de N. Senhora de Nazaré que se realiza em Belém. O Santo (S. Benedito) é trasladado na véspera do início da festividade do lugar Cachoeira para o lugar Taperuçu, onde é rezada uma ladainha seguida de festa dançante. Não há acompanhamento na trasladação. No dia seguinte, no fim da tarde, o Santo é transportado, em motor fretado especialmente para o ato, para o local onde realizar-se-á a festividade. O acompanhamento é feito em embarcações de todos os tipos que trafegam no rio. As duas cerimônias, a da Trasladação e do Círio, são custeadas pelos competentes noitários e os gastos feitos avultados.

As novenas e ladainhas podem ser realizadas em qualquer data, desde que uma graça seja alcançada ou uma promessa seja cumprida. No primeiro caso, a seqüência é a mesma das festividades, e no segundo, após a ladainha rezada em um único dia, é seguida de festa dançante por conta do dono da casa

As festividades realizadas sob a forma de "visitas" não obedecem a datas fixadas por calendário litúrgico, ocorrendo mais ou menos desordenadamente. O dono do Santo, por haver obtido uma graça ou por alguém resolver pagar uma promessa, transporta-o em seu "casco" (nome genérico dado na região a toda embarcação impulsionada por um ou mais remos) e vai pernoitando nas casas ao longo do rio. Nessas residências a ladainha é rezada, participando da mesma os moradores da casa, os vizinhos e os componentes da "embaixada" (grupo de pessoas que acompanham o Santo e que servem de remeiros). Após a ladainha é servido café ou chocolate de cajutim (bebida feita com a amêndoa do fruto do cajueiro, torrada, pilada e fervida com água e açúcar, sendo servido morno) e na maioria das vezes é "armado um banguê" (violão, cavaquinho, flauta, banjo, colheres de aluminio e pandeiro, este feito de latas onde são fixadas tampas de cerveja ou guaraná). A música é sempre executada de "enversada" ou seja, composições musicais com versos de improviso.

A despesa é sempre feita pelo dono da casa e as visitas são marcadas com antecedência de dias. O dono da casa escolhida é consultado para saber se deseja ou não a visita do Santo e, no caso de concordar, é avisado do dia em que o mesmo deverá pernoitar em sua residência. Esse tipo de festividade dura uma semana, aproximadamente, e não há procissões. O Santo é levado de casa em casa por seu dono e a "embaixada".

Hoje em dia raramente são realizadas essas "visitas", devido a influência da Igreja Pentecostal e da proibição dos sacerdotes católicos. A influência da música moderna, gravada em discos e tocada por aparelhagens sonoras, terminou praticamente com o "banguê".

Um dos "versejadores" mais famosos da região é João do Ó, morador do igarapé Apaí, o qual nas festas com aparelhagens sonoras, é convidado para delas participar e recitar seus versos de improviso.

A grande festividade da região, então dedicada ao Espírito Santo, está totalmente desaparecida. Apenas os mais velhos moradores da região têm lembrança da mesma e D. Domingas, a mais idosa e antiga moradora, com noventa e três anos de idade, foi a última

possuidora da Coroa do Divino. D. Domingas nos informou que durante a guerra do Paraguai (1865-1869), quando surgiu no Cairari a notícia que seriam recrutados elementos locais para compor o contingente, do Pará nesse conflito, uma senhora (D. Remigia) fez promessa para que nenhum de seus filhos fosse convocado. Como o recrutamento não ocorresse, mandou adquirir em Belém uma Coroa do Divino e no mês de maio de 1870 começou a festejar o Espírito Santo, o que se repetiu anualmente enquanto ali viveu.

As lembranças mais antigas dessa festividade esclarecem que a mesma havia sido adquirida por alto preço e que possuia uma salva toda trabalhada, existindo também naveta, com o Espírito Santo esculpido no cabo da colher, turíbulo, caldeira e hissope, e o Santo propriamente dito : A Coroa e o Cetro.

No lugar de sua residência, Porto Grande, localizado abaixo do atual cemitério, foi levantada Capela, que era um barracão coberto de telhas, sem paredes com altar ao fundo onde o Santo era colocado; nesse local foi criada uma Irmandade. O Santo era festejado nessa Capela e não fazia "visitas". A irmandade dirigia essa festividade que era realizada no mês de maio, recolhia esmolas, organizava os festejos, enfim, fazia a programação completa.

Anos mais tarde, com o falecimento de D. Remigia, seu marido e filhos, a família mudou-se para o rio Apeí e o Santo foi entregue a um senhor de nome Manoel Mateus, neto de D. Remigia, morador no lugar Açaíteua, perto da foz do rio Tambaí-Açu. Por dois anos consecutivos Manoel Mateus festejou o Santo e depois também mudou-se para o rio Apei. Na nova residência não havia capela e tendo Manoel Mateus se convertido ao Protestantismo, cerca de 50 anos atrás, entregou o Santo a um outro parente, de nome Manoel da Costa, que também por dois anos festejou o Santo em sua residência, no lugar S. Bento, no mesmo rio onde foi construída uma pequena capela. Por essa ocasião a Irmandade estava desfeita, desaparecidos todos os documentos da mesma e embora fosse tentada sua reorganização, esta nunca foi conseguida, não havendo mais festividade do Divino Espírito Santo no Cairari. O Santo ficou com D. Domingas que o guardou, porém, como mudasse constantemente de residência, como o faz até hoje, o Santo passou a ser guardado por seus filhos, parentes e amigos. Durante esse tempo desapareceram quase todos os pertences do Santo. A salva foi jogada no fogo como coisa herética pelos protestantes; a caldeira servia como cafeteira e com o tempo estragou-se, sendo jogada no rio; o turíbulo passou a ser usado como torrador de café e assim foram perdidos

ou roubados todos os objetos utilizados na festividade, inclusive o cordão de ouro trabalhado, grosso e pesado, usado pendente do pescoço da pomba e que envolvia a Coroa. Do Santo, como até hoje é conhecido na região, restou apenas a Coroa e o Cetro, por nós encontrados em uma caixa de ferro velho, na casa de um dos moradores do rio — Manoel de Souza. O pequeno sino da antiga capela encontra-se em poder de um filho de D. Domingas, morador em Catanzal, no rio Tambaí-Açu.

Com os informes colhidos com D. Domingas e outros velhos moradores, conseguimos recompor um pouco da história dessa festividade : a Imandade recolhia dinheiro dado pelos seus membros e pelos moradores da Região e com o arrecadado, financiava a festa. Iniciada em maio, sua programação era a seguinte : nos sete primeiros dias, apenas a ladainha (recitada em latim) e após esta servido o café com chocolate de cajutim; no oitavo dia, depois de recitada a ladainha, era servido jantar para todos os presentes, contribuintes ou não, seguido de festa dançante que era o acontecimento social mais importante da região. Os músicos eram contratados em Mocajuba, Cametá ou Vila do Carmo. As bebidas e iguarias servidas durante a festa eram gratuitas; a festa se prolongava às vezes até as doze horas do dia seguinte, a ela comparecendo, além da Irmandade, noitários, mordomos e juízes, as autoridades locais, representadas pelo Comissário de Polícia, escrivão e fiscal municipal. No último dia era a festa encerrada com ladainha, café e chocolate. O traje, para todos os participantes masculinos ou femininos era branco.

A coroa é de prata, com o contraste $\overline{P}$, tem 25 cm de altura; 10 cm de diâmetro de base e 16 cm de diâmetro na maior largura. Possui seis alças que ligam a base ao topo, toda trabalhada com pequenas flores e botões em relevo, alças essas também intercaladas de folhas em relevo. Na base de cada alça estão pregadas pombas em prata dourada (faltam 4) e, na parte superior, uma pomba de prata dourada sobre uma bola do mesmo metal. O outro contraste está totalmente apagado.

O cetro é também de prata sem contraste, medindo 24 cm de comprimento por 2,2 cm de diâmetro na maior largura. Tem na ponta superior uma romã, e no centro, em relevo, quatro folhas, de onde emerge a haste superior. A parte inferior é trabalhada com incisões em helicóide.

Mitos e Lendas

O mundo sobrenatural, na crença dos moradores da região, é povoado por entidades que moram na mata ou nas águas do rio e seus afluentes. Essas entidades protegem os animais da floresta e das águas e também os homens, sendo conhecidas com o nome genérico de visagens ou bichos visagentos.

O CURUPIRA, normalmente aparece do tamanho de uma criança de seis e sete anos. Toma conta da mata e dos animais que nela vivem. Anda nu, fumando cachimbo de barro e mora nos buracos de árvores portadoras de sapopemas (raizes gigantescas muito comuns nas árvores da floresta amazônica). Anda a pé e é peludo como preguiça-real. As unhas são compridas; o calcanhar para frente e os artelhos para trás. Quando alguém não consegue matar caça ou peixe, ou quando sua roça nada produz, faz contrato com o mesmo de oferecer tabaco (de meia arroba para cima), cachaça (pelo menos quatro litros) e fósforos (além de seis maços). Esse material é sempre entregue em um ponto determinado, de preferência nas cabeceiras dos igarapés centrais e em dia certo (o segundo domingo do mês é o preferido). Nesse dia ele espera e apresenta-se na forma de mulher bonita, jovem, branca, de cabelos louros, vestida de negro com roupa de manga curta, trazendo um grande cachimbo de barro na boca. Pede então para "migar" o tabaco e acender o cachimbo. Ai o ofertante faz o pedido e estabelece o contrato.

O primeiro encontro com essa entidade é assim realizado: se alguém não consegue caça, peixe e sua roça nada produz e deseja fazer contrato com o Curupira, vai para a mata e bate em qualquer sapopema com dois paus roliços como se fossem cacetes. Esse ato é realizado até por três vezes, sendo que na última o indivíduo deve deixar 1 litro de cachaça. Ele aparece sob a forma de homem (não se devendo dirigir-lhe a palavra) e bebe toda a garrafa de cachaça, ficando totalmente embriagado. O futuro contratante deve então dirigir-se para casa se ele não lhe diz nada. Se o faz, marca o dia, hora e local para outro encontro. Se não o faz, no dia se-

guinte a pessoa deve levar tabaco, fósforos e cachaça para realizar o contrato. Nesse momento a pessoa faz o pedido e diz o que vai dar em troca. Aceito o trato, ele desaparece levando os ofertórios entregues e só aparece no dia aprazado para receber as oferendas. Cada contrato de caça, pesca ou roçado, corresponde a um ofertório. Esse contrato é sempre feito para o resto da vida. Cumprindo-o o indivíduo fará boas caçadas, boas pescarias e seu roçado produzirá bem; porém, se falhar ou se esse contrato que é secreto, for revelado a alguém, a pessoa é perseguida : fica com vontade de viver na mata, grita, geme, sofre alucinações e quando se encontra com o Curupira, este se apresenta de forma peluda, ferindo com as unhas longas, abraça e persegue até matar.

Às vezes ele aparece para quem não tem contrato com ele. Com essas pessoas ele brinca, fazendo com que se percam na mata. Sua presença se faz sentir nas proximidades, pois as pessoas começam a sentir "remorso" (enjôo, náusea) e para se verem livre do mesmo, devem cortar uma vara e em cruz colocar um rolo de cipó timbuí, bem apertado, onde se enconde a ponta. Ele vê esse objeto e procura desmanchar o enrolado. Assim, a pessoa tem tempo para afastar-se, pois ele fica entretido com o mesmo e acaba por esquecer a pessoa.

Existem vários Curupiras, cada um deles morando em certos lugares da mata. Há um campo delimitado para sua atuação e não penetra nunca em território que lhe não pertence. O contrato, seja qual for, é feito apenas com um e não pode ser desfeito sob hipótese alguma e nem transferido para outra pessoa.

O FOGO DO MAR, aparece como pequena luz como se fosse emitida por uma lamparina. É visto em cima das águas, nas margens do rio ou sobre as árvores tombadas nas "beiradas". Quando alguém o vê, é sempre de relance, pois o mesmo desaparece. Assusta e malina com as pessoas e, se tocado, aumenta o volume de sua chama e mata quem o fizer. É um espírito e conseqüentemente "invisível". Quando parentes, compadres ou comadres têm relações sexuais entre sí, ao morrerem viram Fogo do Mar. É desconhecida qualquer oração para afastar essa visagem protetora das águas.

A ANHANGA é um espírito e como tal "invisível" e vive na mata. Apresenta-se sob a forma de pássaro (galinha do mato), rato (soiá), morcego, macaco (jupará) e existe desde o começo do mundo. Malina, provocando dores de cabeça, alucinações, panema e também "assombra" : dores no corpo, febre, etc. Onde a mesma

assobia, a caça desaparece e o caçador fica "empanemado". Existem pessoas que fazem contrato com ela, pois tão logo reconhecem seu assobio, gritam : "ê minha comadre me dê uma ... (caça qualquer) amanhã que eu lhe dou um pouco de tabaco. Se a pessoa é atendida, corta uma vara, racha a ponta da mesma, nela introduzindo tabaco, folhas de abade e fósforos. Espeta a vara nas proximidades em que a caça foi abatida, dizendo : "comadre aí está o tabaco prometido".

Todos dizem que quando alguém se dispõe a procurar o ofertório, não o encontra mais. Age por contrato, sendo um para cada pedido. Seu assobio se assemelha ao da anta e o "remorso" somente se apresenta com esse assobio. Se a pessoa fizer pouco caso da Anhanga, apanha na hora, sem saber de quem, como se fosse atacado por alguém armado de um pedaço de pau.

Para evitá-la, acende-se foguete encomendado em fogueteiro (não precisando dizer-se qual a sua finalidade quando se faz a encomenda) com duas ou três cargas, antes de entrar na mata. Outra maneira, é a defumação com a castanha-de-caju ou ainda, a maneira mais fácil, é fazer uma cruz de madeira na mata.

O BOTO se apresenta sob a forma da espécie grande desse animal. Faz-se contrato com ele para empurrar o peixe para os currais de pesca. Quando ele aceita o contrato, realiza o trabalho, ganhando uma determinada qualidade de peixe e que come na mão do dono do cacuri. O peixe preferido pelo boto é a pescada, e na falta desta, recebe o peixe que é apanhado com maior freqüência no curral. É encantado e se transforma em gente. Anda em cima dos paus das beiradas, de preferência sobre os buritizeiros tombados nas margens. Veste sempre roupa branca e aparece sempre nas festas, onde procura dançar com as moças mais bonitas e mais jovens. Sai com as mesmas para passear e estas ficam sempre grávidas. Como não sabem quem é o pai, dizem que é "filho do boto".

Quando é visto por alguém, estando nos terreiros das casas ou andando sobre as árvores tombadas, desaparece, mergulhando no rio. Quando alguém viaja em canoa com mulher "que não está conforme" (menstruada), o boto não gosta, aproxima-se e tenta virar a embarcação; isso ocorre sempre à noite, e para evitar o boto, esfrega-se alho na canoa, nos portos e nos lugares que ele goste de "parar".

Dizem que quando alguém mata um boto, fica panema, porém quando o fazem, sua pele do lado esquerdo é retirada e usada em

defumações boas para a caça e para a pesca. Cortam-se os pedaços de pele. mistura-se com breu branco, breu de canauaru, espinho de cuandu, espinho de curupira (as pencas de sete são as melhores), catinga-de-mulata, mucura-caá, alecrim e pimenta malagueta em número de nove. Os caçadores e seus "armamentos" são defumados de preferência as quartas, quintas e sextas-feiras, antes de entrarem na mata.

Do boto são ainda tirados os órgãos sexuais; os olhos — de preferência o esquerdo — após serem retirados são colocados para secar até ficarem chocalhando como um pequeno maracá e entregues a um pajé ou curador que o "prepara". Esse preparo é feito com ervas aromáticas, conhecidas com o nome de "defumações de macumba" (provavelmente adquiridas em Belém) compradas nos comerciantes, regatões da região ou ainda em Mocajuba. Esse "preparo" é feito para a atração de amor para ambos os sexos. São guardados em carteiras ou patauás. Do boto macho os órgãos sexuais são torrados, reduzidos a pó e guardados em pequenos saquinhos de couro ou pano e usadas por mulheres apaixonadas por algum homem.

Da fêmea do boto também é retirado o órgão sexual que é entregue a pajé ou curador que, após secá-lo e defumá-lo também com ervas aromáticas, é guardado dentro da carteira de dinheiro e usado por homem apaixonado. Em qualquer dos casos, esses objetos perdem totalmente o valor, quando tocados por terceiros, pois são, pessoais, intransferíveis e dirigidos igualmente para determinado homem ou mulher.

A MATINTA-PEREIRA aparece sob a forma da ave do mesmo nome, só fazendo assombração. Dizem que as velhas faladeiras e "avistreiras" (bisbilhoteiras) à noitinha se transformam em Matinta-Pereira. Para se saber se uma Matinta é "encantada" ou não, apanha-se ao cair da tarde uma dessas aves, amarrando-a a uma das árvores do terreiro da casa. Se for "encantada", pela manhã do dia seguinte, nessa árvore, está devidamente amarrada a velha "faladeira" e bisbilhoteira. A Matinta-Pereira é sempre apanhada nas cercanias das casas e um "amarrador de Matinta" é difícil de ser encontrado, pois tem que aprender a técnica de apanhar a mesma. amarrá-la, bem como as orações necessárias ao ato.

Suspeita-se da existência de várias Matintas-Pereira no Alto Cairari, pois se conhece que uma pessoa é Matinta quando possui diversos calombos no pescoço como um colar; porém não se conhece nenhum "amarrador" na região. Para afastá-la da casa, basta dar

um tiro na direção do assobio e quando o tiro é dado de dentro de casa, ela nunca mais volta para observar o que está se passando. É também conhecida como o nome de "Tintinta-Pereira".

O MAPINGUARI aparece sob a forma de um grande macaco peludo, cujos cabelos cobrem o corpo todo, da cabeça aos pés. Possui apenas um olho acima do nariz. Quando encontra uma pessoa, ataca e mata, comendo apenas a cabeça e abandonando o resto do corpo. Sua passada mede quinze palmos e sua altura é de seis metros. Somente é morto se o tiro acertar no umbigo. Anda nu e é encantado. Na região, existe apenas um, morando no igarapé do Papagaio. Os caçadores, cortadores de madeiras e coletores de leite de maçaranduba ou copaíba, preferem seguir viagem do que pernoitar no lugar. É um dos poucos igarapés não trabalhados pelas turmas extrativistas. Não se conhece caso algum de alguém haver morto um Mapinguari e o desaparecimento de pessoas que viajaram para esse lugar lhe é atribuído.

O LOBISOMEM é um homem ou mulher que se transforma em um porco comum, de grande tamanho. É encantado e é ouvido como se um animal estivesse comendo ou roendo ossos no terreiro. Aparece sempre nos caminhos usados pelos habitantes da região, e quando se encontra com eles, ataca-os. As pessoas ou fogem ou brigam com ele, defendendo-se com as armas que possuirem no momento. Quando a briga ocorre no dia seguinte ao fato, tem-se conhecimento de que uma pessoa foi batida, ferida, queimada, ou cortada e esta justifica o acontecimento, como um acidente qualquer ocorrido dias antes.

Não ataca apenas as pessoas, mas também animais domésticos, como, cães, cavalos, bois ou porcos, e para afastá-lo não são conhecidas rezas ou fórmulas mágicas. É apenas afastado com armas de fogo ou de corte ou ainda a pauladas. Não se conhecem as razões pelas quais uma pessoa vira Lobisomem, nem por que as mordidas por ele não sofrem o mesmo encantamento.

A GALINHA GRANDE aparece sob a forma desse animal nas estradas pouco trafegadas, acompanhada de uma grande ninhada, onde todos os filhotes são pequenos. A galinha e os pintos vêm mariscando na estrada e quando alguém os avista e é avistado por eles, começam a crescer e acabam por atacar o viajante que tem que se defender com as armas que portar no momento. Quando ocorre ferí-la ou a um dos pintos gigantes, no dia seguinte são encontradas somente penas no local da ocorrência. Se as pessoas fo-

gem, nada ocorre, porém, se lutam, galinha e pintos acabam por fugir para o meio da mata.

A COBRA GRANDE é um encantado que se apresenta sob a forma de um imenso ofídio, com a cabeça levantada a uma boa altura das águas. Seus olhos são de um vermelho intenso que parecem dois farois; não se sabe bem qual a espécie : se sucuri, jibóia, surucucu ou outra qualquer. Ataca e vira as embarcações de preferência à noite e come os que não conseguem alcançar as margens, pois seus corpos nunca são encontrados. Existem diversas cobras-grandes nessa região, sendo a maior, a que mora no poção do rio Tambaí-Açu. Tem sido alvejada várias vezes, porém nunca foi morta.

Além dessas entidades existem outras, que são benéficas, moram nas plantas e protegem os homens :

O CABI, pequeno tajá arroxeado, quando devidamente "curado" e cuidado, pia e chora. É plantado por um pajé ou curador que o planta em um local reservado, funcionando como vigia da moradia. Se alguém tentar penetrar na casa, estando ela deserta, transforma-se em onça ou animal feroz, afastando assim o intruso. Às vezes se transforma em veado que, mesmo alvejado várias vezes, nunca morre, continuando a guardar a casa.

O PURUÃ, pequeno tajá, deve ser roubado às escondidas para ser "preparado". Seu possuidor prepara-o da seguinte maneira : depois de roubado é plantado em cima de um fígado de veado com os brotos para baixo. De seu bulbo nascem três hastes com três folhas em cada uma delas. Quando essas folhas estão totalmente abertas, tira-se de cada uma haste um folha, de maneira que fiquem apenas seis e, diariamente devem ser molhadas com a primeira água do preparo da caça ou do peixe obtido, quando posto para cozinhar. Quando não há caça ou peixe, devem ser molhadas com chibé (mingau de farinha). Se fôr tratado dessa maneira a pessoa estará protegida e terá sempre sorte. Quando o dono se afasta de sua casa, pode ficar tranquilo, pois se alguém quiser penetrar na casa vazia, o Puruã, transforma-se em onça, cobra ou outro animal feroz, afastando o intruso.

Se não fôr alimentado, desaparece e com ele, a sorte e a proteção. É um espírito de animal que volta a forma primitiva capaz de proteger a casa contra qualquer coisa.

Pajés e Curadores

A manipulação de forças e fenômenos sobrenaturais é feita na região por pajés e curadores. Há uma diferença sutil entre ambos : o primeiro recebe espíritos que indicam as formas de alcançar o desejado e o "receituário" a ser tomado, enquanto o curador conhece apenas as rezas, o formulário e a terapeutica dos males a curar. Por outro lado um pajé pode ser curador, porém o curador se não tiver o "dom" jamais poderá ser pajé. O curador receita banhos e defumações, que na região são chamados de "macumba", adquiridos nos comerciantes locais, regatões ou nas cidades de Mocajuba e Belém, enquanto que os banhos e defumações receitados pelos Pajés, são sempre preparados com ingredientes locais. Há ainda a possibilidade de um curador preparar coisas maléficas para alguém, enquanto o pajé jamais trabalha para o mal.

Há uma certa competição profissional entre eles, caracterizada pela remuneração recebida por cada "trabalho": o pajé jamais fixa o "quantum" a receber, enquanto o curador cobra pelo "trabalho" que realiza. Ambos funcionam como médicos do corpo e do espírito.

Existem três pajés na região e muitos curadores; desses pajés, dois recebem espíritos, fazem "curas", porém receitam remédios para serem comprados em farmácias (drogas), enquanto apenas um, faz suas receitas, onde os componentes são ervas, folhas, raízes ou cascas de plantas locais.

Todos eles partilham da vida econômica da região, trabalhando em roçados de mandioca, arroz e milho. O aprendizado do curador é mais fácil, pois depende da maior ou menor capacidade de memorização das rezas e do maior ou menor conhecimento da farmacopéia rústica local, enquanto o pajé, normalmente é iniciado por seu pai, parente ou amigo íntimo, que lhe transmite sua experiência desde cedo e, quando falece, deixa-lhe todo o "pessoal" que com ele trabalha. As manifestações mediúnicas não ocorrem, por outro lado, imediatamente após a transferência dos guias. Passam-se anos para a primeira manifestação, a qual ocorre sem a necessidade dos espíritos serem chamados.

Geralmente essas manifestações ocorrem na mata sob a forma de "assombração", onde o novo medium tem um "encontro" onde briga e apanha. Isso ocorreu com J.M. (pajé residente nas proximidades do local Boa Esperança), que após esse acontecimento, procurou outro pajé (essa é a norma) que vai lhe dizer qual seu guia-chefe. A partir desse momento, através de "chamadas" com cânticos e rezas, essas entidades chegam e o novo pajé incorpora. Normalmente ficam amedrontados nessas primeiras manifestações.

Os espíritos, por sua vez são, entidades que servem de intermediários entre os homens e os Santos, e que também se comunicam com outros espíritos. Se uma pessoa está doente e consulta um pajé, o espírito que "baixa" leva essa comunicação aos Santos (os mais conhecidos são : N. S. da Conceição, S. José, S. Benedito de Canindé, S. Antônio, S. João Batista e Santa Maria José de Belém) e quando estes falham, apelam para a divindade maior que é Jesus Cristo.

Os Santos só "trabalham" quando são solicitados pelos espíritos, que levam as mensagens dos consulentes e funcionam, como anjos de guarda, trabalhando todos com "os mistérios de Deus".

Esses espíritos estão distribuídos em categorias :

Espiritos da Mata — Carborito e João Curupira

Espíritos das Águas — Manoel de Farias, Maria de Farias, Antonio de Jesus, Rochedo de Jesus, Almerindo Dias da Cruz, João da Conceição de Jesus

Caboclos — Tupinambá, Juremeiro, 7 Encruzilhadas, Pena Branca, Pena Amarela, Tupã, 7 Flechas, Flecha Certeira, Verequete, Mariana, Guapindaia, Jurema e seus capangueiros

Encantados — Mestre Guajará, Peixinho do Mar, Tango do Pará, Cobra Coral, Mestre Puraqué, Cobra Grande (em número de sete), Mané Floriano, Mestre Carlos

Os Brancos — Rei Sebastião, Marquês de Pombal, Pombo do Ar, D. Fina Jóia, D. Manoel, D. João

Os Anjos — Oxossi, Yansã (são sete moças e sete velhas), Xangô, Ogum, Vodunce e Tobossi.

Os espíritos da mata, das águas, os caboclos e os encantados, todos moram na região. Os espíritos das matas e das águas, protegem os animais da mata e os peixes do rio, bem como a pessoas que trabalham na mata e no rio. Os caboclos, são espíritos de índios que são recebidos quando chamados, se trabalham com o pajé.

Se este não trabalha com eles, pode ocorrer que mesmo não chamados "baixem" se estiverem de passagem. Os encantados, são espíritos que sofreram "encante" e ficam nessa situação até o fim dos tempos ou até serem desencantados pelos Santos.

Os Brancos não moram na região e quando "recebidos" dizem ter vindo da Bahia. Para chamá-los é preciso conhecer os cânticos e muitas vezes mesmo chamados não "baixam".

Quanto aos "Anjos", cada um deles se desdobra em sete entidades, e cada uma delas é designada por um nome. Na região são apenas conhecidos os nomes genéricos, pois, dificilmente "baixam" e quando o fazem é sempre de passagem, dizendo morarem na África. Não existe no Alto Cairari nenhum pajé que receba as entidades das duas últimas categorias. São conhecidos através de informações de outras pessoas que passam pela região em rápidas viagens, realizando também sessões de pajelança, e são conhecidas por "macumbeiras" ou "viradoras de carta", pois, em sua quase totalidade, são mulheres que realizam sessões de recebimento de espíritos ou de processos divinatórios.

Não há um ritual fixo a ser seguido por ocasião da realização das sessões de pajelança. O pajé senta-se numa cadeira e começa a gemer até que o espírito chegue. Este se apresenta cantando seu "ponto" e depois reza, conversa e receita. Também parte cantando. O instrumental consta de velas acesas na banca (em castiçais, vidros ou pires), cigarros de tauari, guaraná industrializado e cachaça para fazer a limpeza do corpo. As sessões são sempre realizadas à noite e não há utilização de instrumentos musicais como maracás, tambores ou outros. Apenas um pajé utiliza um feixe de penas de arara amarradas na base.

Quanto aos "serviços", são realizados nas águas e no centro da mata, e em lugar certo, determinado pelo guia. Na água, os ofertórios são sempre atirados ao rio, e na mata, depositados no tronco das árvores. Esses ofertórios são sempre : cachaça, charutos, cigarros, fósforos, guaraná, tabaco, abade, velas ou bebidas engarrafadas (vinho, cerveja, rum, etc).

Os espíritos não ingerem nunca as bebidas alcoólicas. Apenas "chupam" a fortidão do alcool para se fortalecerem. Como todos são católicos usam terços ou rosários nessas sessões.

As orações são memorizadas pelos pajés e curadores e algumas não formam sentido na construção das frases. tais como :

Para Quebranto — "Baixa minha Virgem da Conceição. Tirai esse quebranto pela tua mão. Deus comigo e tuas perturba-

ções da Conceição. Levai esse quebranto pelas tuas mãos. Jesus, Maria, José, S. Benedito de Canindé. Tira e joga esse quebranto pelas ondas do mar. Afasta e abate esse quebranto pelo teu merecimento sagrado. Jesus, Maria José".

Para Panema — "Chamo meu Jesus de penas de arara. Curai os meus armamentos com o nome de Jesus. Criado, nascido, abastecido, não convencido, seja vencido. A minha felicidade das minhas caçadas, assim andei procurando a minha felicidade com cruz divina. Procurando com mal satisfação alcançar a felicidade Caboclo Jurema. Jesus, Maria, José".

Para tirar Feitiço — "Deus arme as minhas contas com o mau olhado ou enfeitiçado. Então, com Deus, minha cruz divina, afastai e jogai para as ondas do mar ou água fria". Após a oração, o pajé reza o Creio em Deus Padre ou Santa Maria.

Para prever o Futuro — "Deus falou e me contou o dia em que vai acontecer e amanhecer o dia. Tem o teu Bom Jesus por ti. Eu tenho o meu por mim. Então com Deus eu me recomendo, com o manto dele me cobriu, me contou o que aconteceu comigo. Deus salve".

Para afastar os Espíritos — "Deus abaixe meu povo com três cruzes de madeira pesada para afastar os espíritos da perturbação que vivem perturbando o corpo humano. Então com três pares na guia, com três fitas verdes, encarnadas, amarrando os espíritos que perturbam o corpo humano. Jesus, Maria, Jereré-reté". Põe a cruz na cabeça do consulente e resa uma oração católica.

As formulas do receituário que é prescrito pelos pajés e curadores da região são fornecidas após o conhecimento completo dos casos, onde os detalhes não são esquecidos :

Para fazer um cachorro caçador — Cará-juru misturado com o figado e vesícula da caça para a qual se quer prepará-lo. Juntam-se à mistura nove pontas de pimenta malagueta que é dada para o animal comer misturada com farinha.

Para preparar Arco de Pesca — Passa-se pimenta na corda, pois a zagaia não fica empanemada.

Para benzer anzóis — Banham-se os mesmos com pimenta malagueta por ocasião da lua nova.

Para preparar espingarda — Quando não houver pajé ou curador para rezar a oração de tirar panema, prepara-se banho com : mangerona d'angola, catinga-de-mulata, mucura-caá, mangerona de panela. Esfrega-se então a arma da coronha para a boca.

Para defesa da casa — prepara-se banho com: mangerona d'angola, mangerona de panela, malva cheirosa, arruda, catinga-de-mulata, arataciú, corembó. A casa é lavada da cozinha para a entrada, inclusive o batente da porta.

Essas prescrições são receituadas sem o auxílio de espíritos. Os mesmos são convocados quando essas não atingem o objetivo a que se propõem. O receituário prescrito pelos espíritos é mais complexo e varia conforme o caso. Essas prescrições são sempre pessoais e não devem ser conhecidas de ninguém, sob pena de não obter-se o resultado desejado.

O pagamento das consultas é feito em dinheiro corrente, gêneros e varia conforme o caso. A consulta é paga no ato ou em parcelas. Uma benzição para tirar quebranto, por exemplo, custa vinte cruzeiros em dinheiro, dois paneiros de farinha e uma vara de jabotis (dez femeas e dois machos). Se o consulente tiver recursos, o preço é sempre majorado.

O Dia de Finados

A região do Alto Cairari não possui cemitérios. As pessoas falecidas acima do rio Tambaí são sepultadas em um cemitério localizado abaixo do mesmo rio. Há um antigo, denominado de São Bento, localizado nas proximidades do lugar chamado Fortaleza (onde se acha instalado o Posto Fiscal Municipal), estando completamente abandonado e onde não se realizam mais sepultamentos.

O cemitério do rio Tambaí-Açu é grande, cercado com estacas de madeira, tendo na parte fronteira ao rio um cruzeiro também em madeira. As sepulturas são abertas desordenamente e existem três túmulos com gradis de ferro, um de alvenaria (já bastante estragado pelo tempo), e alguns de caixilhos ripados em madeira. Fora esses, a maioria dos túmulos é apenas indicada por cruzes em madeira ou restos destas. Quando uma pessoa é sepultada no mesmo local, uma outra cruz é colocada junto à primeira.

Na véspera do dia de Finados os parentes das pessoas ali sepultadas limpam o cemitério e fazem montículos de terra sobre as quais enterram e acendem as velas. Em apenas uma cruz estava indicado o nome do falecido e data do óbito. As pessoas de religião Pentecostal são sepultadas em local não indicado por cruz ou outro sinal qualquer. Apenas um montículo de terra marca o túmulo. A visitação é sempre feita no dia 2 de novembro, ao anoitecer, e os visitantes permanecem no local várias horas, acendendo as "ceras" e fazendo suas orações. A maioria das velas é acesa após o pôr do sol.

O dia de Finados é também um acontecimento social. Marcam-se encontros no cemitério, conversa-se, os visitantes vestem suas melhores roupas ou as vestem pela primeira vez. Há venda de refrescos de jenjibirra e também de cachaça misturada com jenjibirra.

Nos cemitérios não existem capelas ou ermidas com qualquer imagem de santo. A romaria é feita sempre em canoas e muitas vezes os visitantes vêm de longe, com perto de dois dias de remo, pousando na casa de amigos ou parentes.

Perto da foz do rio Tambaí, existem duas casas de comércio, e desde a véspera, bebe-se bastante cachaça e muitas vezes ocorrem brigas ou então os participantes medem forças sem motivo algum. As pessoas mais idosas dizem que nos dias primeiro e dois de novembro, os espíritos maléficos estão soltos e atormentam os homens, levando-os a beber e tornando-os agressivos a ponto de brigarem entre si. O que ocorre, entretanto, é que esses homens trabalham nas matas do alto rio Cairari, durante meses, num trabalho pesado e duro, sem diversão alguma, salvo as poucas festas que se realizam. Aproveitam os dois feriados para "descerem" até as casas dos patrões para suplementar seus aviamentos, receberem as encomendas feitas e visitarem seus mortos. Assim, as brincadeiras decorrentes da bebida funcionam como válvula de escape de efeito lúdico para o isolamento em que vivem.

Conclusões

A proporção que as frentes pioneiras de penetração nacional alcançam as regiões mais distantes da Amazônia, onde a rarefação demográfica é uma constante, as comunicações que essas frentes conduzem, reformulam, fazem desaparecer ou mantêm essas tradições populares, pois, a sobrevivência destas não é função do isolamento geográfico em que vivem essas populações e sim, de sua estrutura social.

Diégues Jr. (1960:229) já nos afirma que "embora encontremos na região amazônica, atividades diversificadas e, conseqüentemente ambientes diferentes, a mentalidade do homem é a mesma no seu mundo espiritual".

Muito embora o alicerce sobre o qual repousa o nível ideológico da população seja o catolicismo, levado pelo missionário e pelo português nos primeiros tempos da colonização e mais tarde reforçada, sucessivamente, pela população luso-brasileira e néo-brasileira das áreas vizinhas e de outras partes do país, essa experiência religiosa não corresponde a seus anseios.

Fracamente assistido pelos sacerdotes católicos e pelos missionários evangélicos, o indivíduo e a comunidade, como bem acentua Galvão (1953:4-5) "recorrem a outras crenças e práticas que reunidas às católicas, constituem a sua religião. O catolicismo é uma fisolofia de vida que se sobrepõe a idéias locais, cuja origem é diversa. mas que defendem sobretudo, de influências amerindias, absorvidas na moderna cultura do caboclo amazônico".

Nesse mundo espiritual, os Santos são entidades que protegem não somente os homens porém as comunidades em que vivem, e que devidamente reverenciados sob as formas as mais diversas, garantem prosperidade, saúde e felicidade. Sua atuação, entretanto, não é total, pois existem situações em que sua força é impotente. Essas situações encontradas no mundo sobrenatural e na própria natureza, são fruto da atuação de outras entidades que habitam a floresta e o fundo dos rios.

Esse mundo mitológico tem suas raízes nas crenças indígenas e a própria designação dessas entidades é expressa por palavras também de procedência indígena, que não guardam mais o modelo e a função primitiva, pois foram reformuladas pela influência do catolicismo, dos cultos afro-brasileiros e outras, oriundas do contacto dessas populações interioranas com as frentes de penetração nacional.

Esse mesmo fenomeno foi observado por Galvão (1953-1955), em Itá, quando registra que "o conceito de **encantado** por exemplo que domina na descrição desses seres, deve sua provável origem a crenças populares que o colono português ou europeu fundiu às dos habitantes indigenas ou mestiços. Ao mesmo tempo, adaptaram-se à cultura contemporânea, desligando-se do corpo de idéias religiosas a que pertenciam primitivamente".

O próprio Pentecostal, encontra respostas para os seres que povoam esse mundo sobrenatural, que classificam de demoníacos, pois, julgam ser nada mais que manifestações diabólicas, onde o "Maligno" e suas legiões atuam na terra, no ar e nas águas, para perturbar o espírito dos homens.

É tranquila por sua vez, a explicação dada para esses fenomenos, visto ser na própria Bíblia que vão encontrar o registro dessas manifestações, pois as mesmas, concluem, existem desde o começo das coisas e o próprio Livro Sagrado as relata proibindo igualmente consultas a adivinhos.

É ainda Galvão (1953:9) que nos afirma que "essas duas ordens de divindades não resultam de duas religiões, tão pouco levam a contrastes entre religião e superstições populares. Na mente do caboclo, compõe um todo, sua religião".

Utilizando a classificação de Araújo (1964 : 20-21), podemos classificar as tradições populares aqui estudadas, da seguinte maneira :

FESTAS

A) Festas de calendário : Benedito
S. José
N. S. da Conceição

B) Festas de padroeiro : as novenas
as ladainhas
as visitações

MITOS E LENDAS

A) Mitos primários : curupira
lobisomem

B) Mitos secundários : a) gerais : fogo do mar
galinha grande

: b) regionais : anhanga
boto
mapinguari
cobra grande
matinta pereira

Quanto ao mundo sobrenatural e as instituições religiosas existentes na área, são a resultante — como é a própria subcultura amazônica — da integração dos elementos culturais, de que eram portadores os que participaram do processo de colonização da região e as mudanças culturais hoje encontradas são decorrentes da transformação de uma sociedade colonial de índios, portugueses e mestiços, na atual sociedade amazônica.

Bibliografia Citada

ANAIS DA BIBLIOTECA E ARQUIVO PÚBLICO DO PARÁ

1913 — Correspondência dos Governadores com a Metrópole. Segunda Série 1759 - 1761, IN Tomo VIII. Instituto Lauro Sodré. Belém. p. 1 - 158

ARAÚJO, ALCEU MAYNARD DE

1964 — Folclore Nacional. 1.º Vol. Edições Melhoramentos. São Paulo. 479 p.

DIAS, CATHARINA VERGOLINO & GUERRA, ANTONIO TEIXEIRA

1959 — Indústria Extrativa Vegetal, IN Geografia do Brasil. Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. p· 238-258.

GALVÃO, EDUARDO

1953 — A vida religiosa do caboclo da Amazônia. Boletim do Museu Nacional. Nova Série. Antropologia, n. 15. Rio de Janeiro, 18 p.

1955 — Santos e Visagens. Um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. Brasiliana, vol. 284. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 202 p.
tica. Rio de Janeiro. p. 61-111.

GALVÃO, MARÍLIA VELLOSO

1959 — Clima da Amazônia, IN Geografia do Brasil. Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. p 61-111.

GUERRA, ANTONIO TEIXEIRA

1959 — Estrutura Geológica, Relevo e Litoral. IN Geografia do Brasil. Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. p. 17-60.

KUHLMANN, EDGAR

1959 — Tipo de Vegetação, IN Geografia do Brasil. Grande Região Norte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. p. 112-127.

KESSING, FELIX M.

1958 — Antropologia Cultural. 1.º Vol. Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro. 340 p.

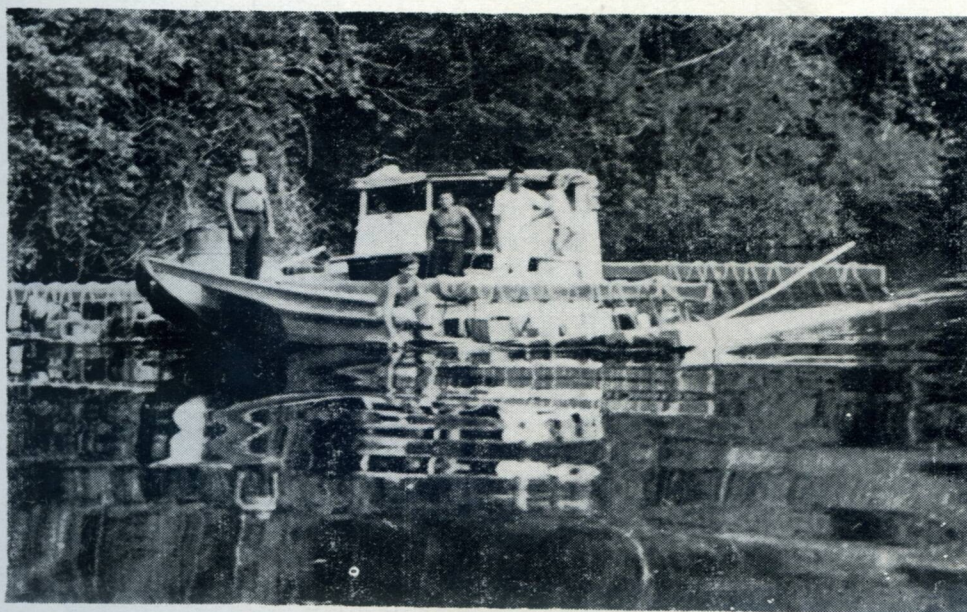
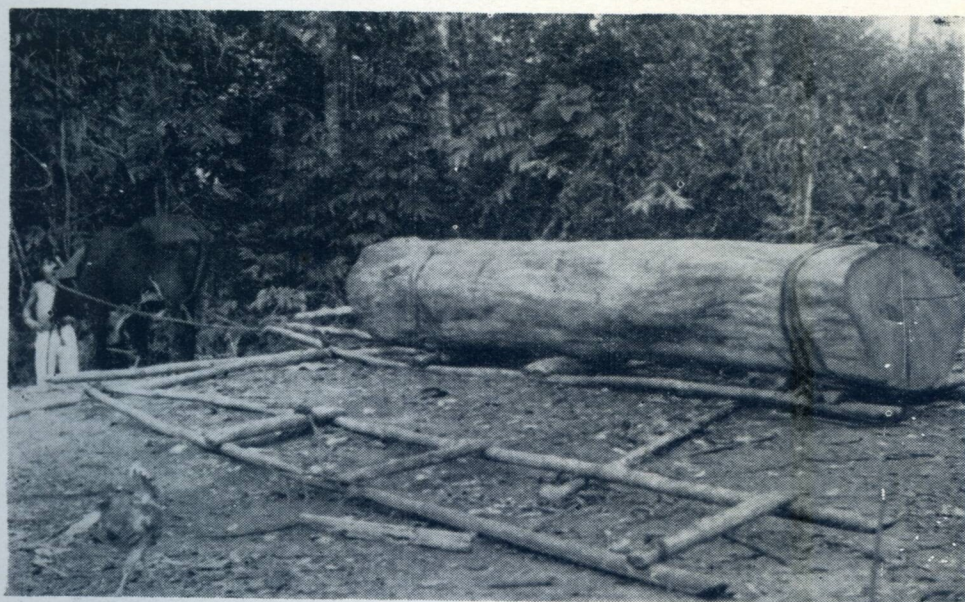
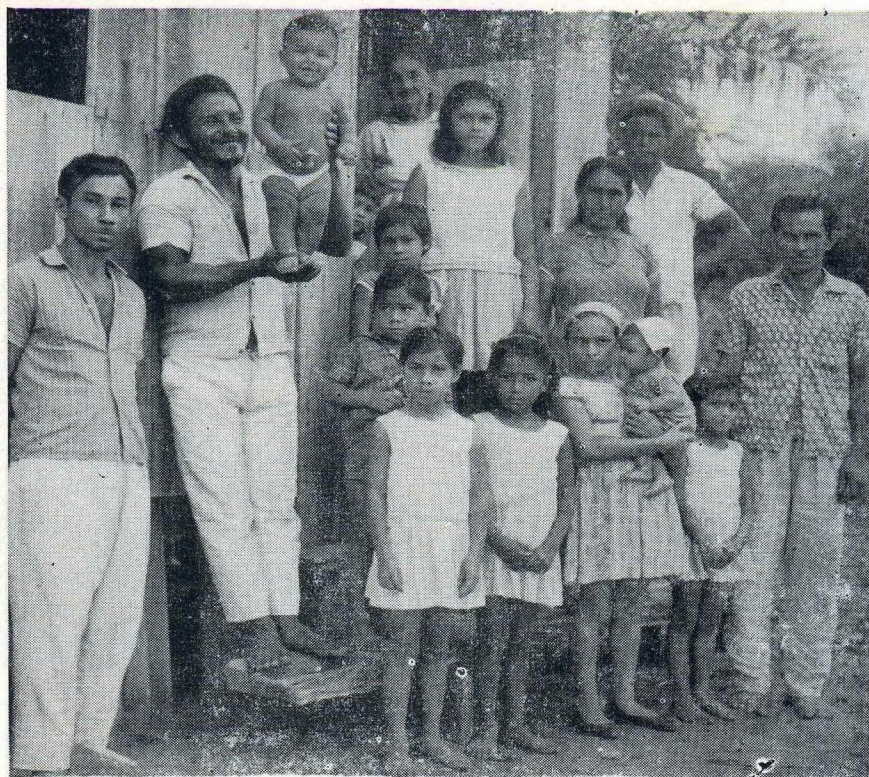
LEITE, SERAFIM
1943 — História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo III. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro. 487 p.

MUNIZ, JOÃO DE PALMA
1916 — Limites Municipais do Estado do Pará, IN Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Tomo 9.º Instituto Lauro Sodré. Belém

RIBEIRO, DARCY
1968 — Estudos de Antropologia da Civilização. I — O processo civilizatório. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 265 p.

SILVA, ARMANDO BORDALO DA
1959 — Contribuição ao estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série. Antropologia, n. 5. Belém. 76 p.

WAGLEY, CHARLES
1953 — Amazon Town. A Study of Man in the Tropics. The MacMillan Company. New York. 305 p.
1967 — O estudo das Comunidades Amazônicas, IN Atas do Simpósio sôbre a Biota Amazônica. Vol. 2 (Antropologia). Conselho Nacional de Pesquisas. Rio de Janeiro. p. 41-55.

INSTITUTO BRASILEIRO DA BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO
1969 — Pesquisas em processo no Brasil. Conselho Nacional de Pesquisas. Rio de Janeiro. 502 p.
1970 — Pesquisas em processo no Brasil. Conselho Nacional de Pesquisas. Rio de Janeiro. 1007 p.

Transporte de madeira beneficiada por embarcação

Toro de cedro sobre "lagarta" em estrada de extração de madeira (Igarapé do Pilão)

Família moradora na vila Erlin

Casas em madeira na vila Erlin

Templo da Igreja Pentecostal da vila Erlin

Pastor Pentecostal entoando cânticos

ESTAMPA IV

Coroa e Cetro. Última lembrança da Festa do Divino do rio Cairari

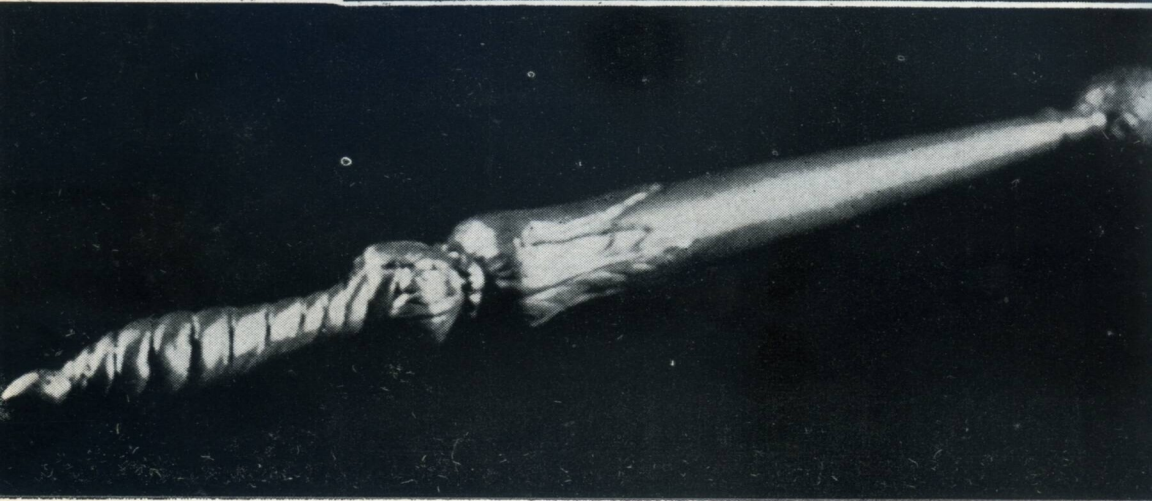
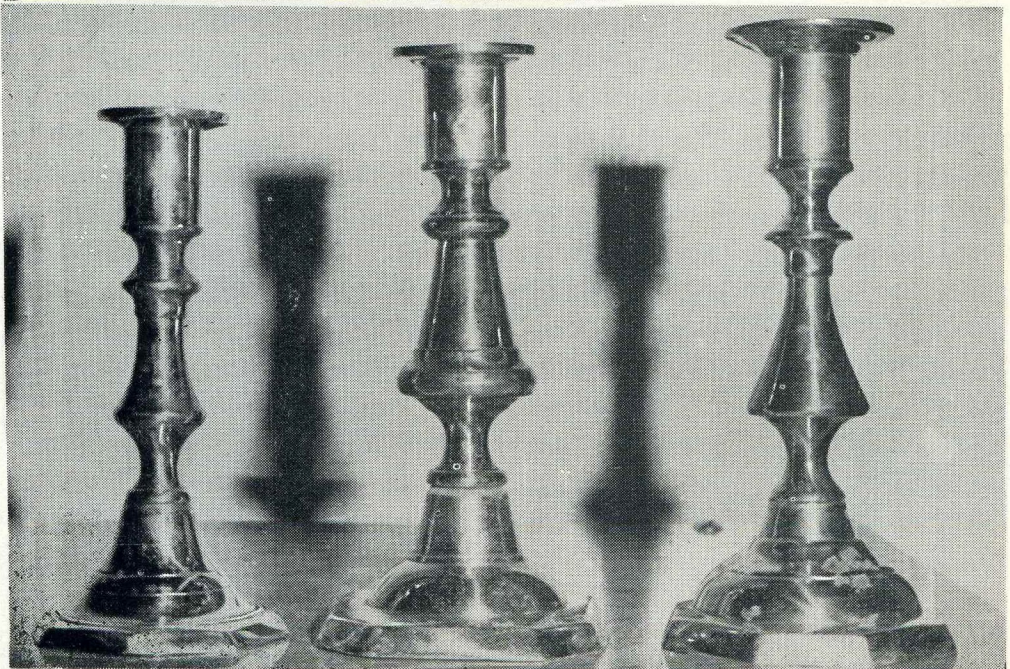



Imagem de N. S. da Conceição cultuada na região

Castiçais em bronze antigamente usados nas novenas católicas e hoje utilizados nas sessões de pajelança

Reverência aos mortos no Dia de Finados

Detalhe da vila Erlin